



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

RAFAELA DE LIMA SILVA

**DIFICULDADES NA ABORDAGEM DO TEMA SEXUALIDADE PARA DOCENTES
EM SALA DE AULA**

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2019

CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
NÚCLEO DE BIOLOGIA

RAFAELA DE LIMA SILVA

**DIFICULDADES NA ABORDAGEM DO TEMA SEXUALIDADE PARA DOCENTES
EM SALA DE AULA**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas

Orientador: Msc. José Leandro de Andrade Santos
Coorientador: Profº Dr.Luiz Augustinho Menezes da Silva

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2019

Catálogo na fonte
Sistema de Bibliotecas da UFPE - Biblioteca Setorial do CAV.
Bibliotecária Ana Ligia F. dos Santos, CRB4-2005

S586d Silva, Rafaela de Lima.
Dificuldades na abordagem do tema sexualidade para docentes em sala de aula / Rafaela de Lima Silva. - Vitória de Santo Antão, 2019.
43 folhas; il., fig.

Orientador: José Leandro de Andrade Santos.
Coorientador: Luiz Augustinho Menezes da Silva.
TCC (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Pernambuco, CAV, Licenciatura em Ciências Biológicas, 2019.
Inclui referências e anexos.

1. Sexualidade. 2. Disciplinas das Ciências Biológicas. 3. Professores Escolares. 4. Adolescente I. Santos José Leandro de Andrade (Orientadora). III. Silva, Luiz Augustinho Menezes da (Coorientador). III. Título.

571.9 CDD (23. ed.)

BIBCAV/UFPE-116/2019

RAFAELA DE LIMA SILVA

**DIFICULDADES NA ABORDAGEM DO TEMA SEXUALIDADE PARA DOCENTES
EM SALA DE AULA**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Aprovado em: 25/06/2019.

BANCA EXAMINADORA

Msc. José Leandro de Andrade Santos (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dr. Ricardo Ferreira das Neves
Universidade Federal de Pernambuco

Msc. Wellington Francisco Pereira
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas –
PPGCF/UFPE

Dedico este trabalho
ao meu irmão
Rafael de Lima “*in memoriam*”.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me conceder realizar meu sonho. Desde infância sempre sonhei em fazer uma faculdade. Sou a primeira na família a ser graduada.

À oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas, que me fizeram crescer muito e alegrar meus dias no decorrer da minha formação.

A todos os meus professores, que são meu espelho como profissional.

A minha família que nunca questionou minhas decisões. A minha fonte de força que é minha mãe, a pessoa responsável por sempre buscar o melhor e me mostrar o quão tão capaz de ir longe eu posso.

Não poderia deixar de agradecer aos meus ex-sogros e ex-marido por ter ajudado na criação do meu bem mais precioso, meu filho. Sem eles a dificuldade de estar na faculdade sendo mãe seria muito mais difícil.

Ao meu orientador, José Leandro, por ter paciência e não desistir de mim.

E aquelas pessoas que direta ou indiretamente sempre me mostram que sou capaz, que consigo alcançar meus objetivos. É com esforço que conseguimos tudo aquilo que almejamos.

“Aquieta Minh'alma, faz meu coração ouvir tua voz.

Me chama pra perto, só assim não me sinto só

Porque na verdade eu descobri que tudo que preciso está em ti

Mas meu coração é teimoso demais pra admitir

Sei que depender é como viver perigosamente, mais

Eu preciso acreditar e confiar no que o senhor me diz”

Canção de Ministério Zoe

RESUMO

O tema sexualidade é vivenciado diariamente, desde o nascimento, sendo acentuado na adolescência, onde se começa o descobrimento do corpo e seus desejos, construindo conceitos e características que se estendem ao longo da vida. A sexualidade é um tema transversal muito amplo, estando diretamente relacionado aos ambientes aos quais os indivíduos estão submetidos, entre eles, a escola. A abordagem desse conteúdo deve ser contínua, sendo iniciada em casa com os pais, estendendo-se à escola e seu corpo docente. Apesar do tema estar incluso nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a temática não é aplicada na programação letiva escolar por inúmeras razões. O presente trabalho tem como objetivo identificar as principais dificuldades na abordagem do tema sexualidade pelos docentes em sala de aula. O trabalho foi desenvolvido em duas escolas públicas (uma municipal e a outra estadual) localizada no município de Vitória de Santo Antão-PE. A pesquisa foi realizada em um único encontro, onde houve a apresentação do trabalho, e a aplicação dos questionários. Dezesete docentes participaram e responderam todas as questões (06 da escola estadual e 11 da municipal). As dificuldades na abordagem do tema sexualidade foram semelhantes em ambas as escolas. Observou-se que alguns dos docentes não tem autonomia de abordar o tema por falta de capacitação, além de afirmarem uma inquietude dos alunos ou falta de tempo. Porém existe um interesse por parte dos docentes em um maior aprofundamento nas questões que tangem à sexualidade. A falta de capacitação na discussão de temas como este se apresenta como aspecto fundamental na construção do conhecimento dos alunos ao longo de sua carreira escolar. A vivência de temas transversais em sala de aula, mesmo obrigatórios legislativamente, ainda é um dos principais pontos a serem trabalhados nos docentes de modo geral.

Palavras-chave: Sexualidade. Professores. PCNs. Adolescentes.

ABSTRACT

The topic sexuality is experienced daily, from birth, being accentuated in adolescence, where begins the discovery of the body and its desires, building concepts and characteristics that extend throughout life. Sexuality is a very broad cross-cutting theme, being directly related to the environments to which individuals are subjected, among them, the school. The approach to this content should be continuous, being initiated at home with the parents, extending to the school and its faculty. Although the theme is included in the National Curriculum Parameters (NCPs), the theme is not applied in the school program for many reasons. The present work aims to identify the main difficulties in approaching the theme sexuality by the teachers in the classroom. The research was developed in two schools of Vitória de Santo Antão - PE, being one municipal and another state. Was carried out in a single meeting, where the work was presented, and the questionnaires were applied. The research was carried out in a single meeting, where the work was presented, and the questionnaires were applied. Seventeen teachers participated and answered all questions (06 of the state school and 11 of the municipal). The difficulties in approaching the sexuality theme were similar in both schools. It was observed that some of the teachers do not have the autonomy to approach the subject due to lack of training, besides affirming a restlessness of the students or lack of time. However, there is an interest on the part of the teachers in a deeper understanding on the issues that touch on sexuality. The lack of training in the discussion of topics such as this one presents itself as a fundamental aspect in the construction of students' knowledge throughout their school career. The experience of transverse themes in the classroom, even legally obligatory, is still one of the main points to be worked on by teachers in general.

Keywords: Sexuality. Teachers. National Curriculum Parameters (PCNs).
Adolescents.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	– do inglês, <i>Acquired Immunodeficiency Syndrome</i>
DIU	– Dispositivo Intrauterino
EJA	– Educação de Jovens e Adultos.
IDEB	– Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
ISTs	– Infecções Sexualmente Transmissíveis
LGBT	– Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
MEC	– Ministério da Educação e Cultura
MS	– Ministério da Saúde
OEA	– Organização dos Estados Americanos
ONU	– Organização das Nações Unidas
PCNs	– Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNs	– Parâmetros Curriculares Nacionais
PEP	– Profilaxia Pós-Exposição.
PrEP	– Profilaxia Pré-Exposição

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Religião dos Docentes.....	24
FIGURA 2 – Disciplinas Ministradas pelos Docentes.....	25
FIGURA 3 – Causas de dificuldade para a abordagem do tema.....	26
FIGURA 4 – Doenças Sexualmente Transmissíveis.	27
FIGURA 5 – Possíveis Formas de Contaminação.	28

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA.....	14
2.1 Sexualidade na Educação.....	14
2.2 O papel do docente como emissor da informação	15
2.3 extensão do termo sexualidade.....	17
3 OBJETIVOS	21
3.1 Objetivo geral	21
3.2 Objetivos específicos	21
4 METODOLOGIA.....	22
4.1 Desenho de Estudo	22
4.2 LOCAL DE ESTUDO.....	22
4.3 Coleta de Dados.....	22
4.4 Análise de Dados	23
5 RESULTADOS	24
5.1 Questionário 1	24
5.2 Questionário 2.....	26
6 DISCUSSÃO	29
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA	39
ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA	40
ANEXO C – QUESTIONÁRIO 1	41
ANEXO D – QUESTIONÁRIO 2.....	43

1 INTRODUÇÃO

O tema transversal sexualidade apresenta-se incluso na nossa vida desde o nascimento, atingindo uma importância maior na adolescência quando começa o descobrimento do corpo e seus desejos. É nessa fase que se faz importante a abordagem da temática, pois atualmente os jovens tendem a iniciar a vida sexual muito cedo. Além disso, a sexualidade apresenta-se como algo amplo, não estando relacionada apenas à questão do ato sexual, mas também envolvendo questões como identidade de gênero, gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros assuntos que também estão inclusos (FERNANDES, 2016).

Apesar do tema Sexualidade ser muito comum em nosso cotidiano, ele vem sendo discutido há muitos anos devido as crenças e culturas que estiveram se contrapondo em alguns aspectos (FEITOSA, 2008). Na busca por respostas voltadas aos questionamentos que envolvem a sexualidade na adolescência, fase da puberdade, espera-se que o tema seja discutido no âmbito familiar, porém ainda há uma resistência muito grande por algumas famílias (SOUZA; CHAVES, 2017).

Por outro lado, uma parcela crescente de pais tem entendido a necessidade de conversar sobre o tema com os filhos, o que tem ajudado os adolescentes a entenderem o próprio corpo e a se identificarem na sociedade como pessoa. Na escola, além do grupo de amigos aos quais os adolescentes estão articulados, o professor desempenha um papel fundamental na educação sexual dos indivíduos, sendo importante levar este debate para a sala de aula também, comunicando diferentes pontos de vista, ajudando sobretudo que os alunos reconheçam a grande diversidade de gêneros (HAMES; KEMP, 2019).

A abordagem do tema sexualidade não é algo simples, principalmente envolvendo adolescentes, fase na qual estão construindo sua identidade. É necessário também que o docente leve em consideração as diferentes culturas presentes na sala de aula, religião, para que o respeito e os fatos científicos entrem em evidência na sala de aula (BELTRÃO; BARROS, 2017).

É comum observar professores que direcionam sempre a questão referente a sexualidade como sendo de responsabilidade dos docentes de disciplinas de Ciências e Biologia. No entanto, tal linha de raciocínio não se aplica, uma vez que

temas voltados ao crescimento e desenvolvimento cognitivo e social dos alunos - como aqueles voltadas à pedagogia e a psicologia - devem ser aplicadas no processo de formação do aluno de forma paralela (AMARO, 2016).

A orientação sexual na escola é recomendada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), na abordagem de diversidade e gênero. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sugerem que o tema não seja trabalhado apenas como caráter informativo, mas de forma que desperte o senso crítico sobre a diversidade e a delicadeza do tema em questão. Os PCNs orientam para que a escola, através de práticas pedagógicas venha a construir e mediar a relação do sujeito consigo mesmo, de modo a fazer com que o indivíduo tome a si mesmo como objeto de cuidado (BRASIL, 1997).

A discussão de como se falar de sexualidade dentro de uma sala de aula para adolescentes ainda é tabu, e por muitas vezes faz com que os professores permaneçam preocupados com qual a melhor maneira para que se gere diálogo em sala, levando entendimento e despertando a curiosidade dos alunos. Assim, o presente trabalho tem por objetivo identificar quais as dificuldades encontradas pelos docentes na abordagem do referido tema em sala de aula, bem como elucidar os porquês de um assunto tão importante não estar sendo trabalhado de maneira adequada.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

2.1 SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO

No começo, o interesse a sexualidade não era porque pensava ser importante para o crescimento contínuo do indivíduo, mas sim porque estavam surgindo problemas como aumento de casos de gravidez na adolescência, o uso de drogas, e o aparecimento da AIDS, que estava iniciando a “ameaçar” os adolescentes, podendo mudar os conceitos e comportamento de vivenciar a sua própria sexualidade. Com todo o contexto dos acontecimentos, começaram a ver a importância da educação sexual, para poder tratar do assunto abordado (RIBEIRO,2001).

Com o passar dos anos, a educação sexual veio ganhando espaço, bem como os objetivos de expor a necessidade de discutir sexualidade na escola e os esclarecimentos que nela foram feitos (CASTRO, 2009). Após publicações sobre orientação sexual, argumentam-se na atuação a existência de práticas apontada para sexualidade. Pesquisas mostram comportamento sexuais de jovens que confirmam que esse público tem disposto sua saúde em risco (OLIVEIRA *et al*, 2014).

A vida sexual precoce inicia-se aproximadamente aos 15 anos, idade na qual tem-se descobertas sobre o corpo, onde os jovens não têm conhecimento amplo sobre os riscos aos quais estão submetidos. É nesta idade também que ocorre uma grande quantidade de parceiros, gravidez indesejadas e contágio de doenças infectocontagiosas (TEIXEIRA *et al.*, 2006).

Ainda nesse contexto, ao falar sobre sexualidade, é sabido que antes de toda essa busca pela colocação da sexualidade na escola, já se tinha um conhecimento da necessidade desta indexação, de modo consciente, dos professores e escolas. A linha de pensamento mais adequada a ser seguida na história da educação sexual é que ela seja realizada pela educação informal, formada pelos pais e familiares (SAYÃO, 1997; FERREIRA *et al.*, 2017).

Apesar do assunto sexualidade ser alvo de muitas especulações há muito tempo, a introdução deste no meio escolar ou familiar é bastante questionada. No Brasil, a educação sexual informal vem ocorrendo desde os tempos do Brasil colônia (GODOY, 2018). Com o passar do tempo, o MEC assumiu a responsabilidade e

elaborou os PCNs, no qual foi inserida a educação sexual como tema transversal (VIEIRA; MATSUKURA, 2017).

Mesmo com a elaboração dos PCNs, a educação sexual foi vetada por diversas vezes, havendo apenas um recuo na sua abordagem, aguardando assim, sua vez de ser usada de forma educativa e benéfica. Todavia, por se apresentar inserida no dia a dia dos indivíduos e, por conseguinte, dos estudantes, era notório que não poderia ser deixada de lado. Dessa forma, a educação sexual veio ganhando espaço, bem como os objetivos de expor a necessidade da sexualidade na escola e os esclarecimentos que nela foram feitos (CASTRO, 2009).

2.2 O PAPEL DO DOCENTE COMO EMISSOR DA INFORMAÇÃO

Para Silva (2009) os professores atuais, na sua grande maioria, são de uma geração onde a sexualidade não era falada tanto no espaço escolar como no familiar. Não se tinha direito de se falar de sexualidade, visto que havia repressão e repúdio pelos valores morais, religiosos e culturais. Na época, falar de sexualidade na escola era um escândalo, como se estivesse incentivando os jovens à atividade sexual (CASTRO, 2009). Desta forma, muitos docentes não receberam uma orientação sexual adequada, cujos reflexos são perceptíveis até os dias atuais.

Muitas vezes, é bastante notória a dificuldade dos docentes ao lidar com esse assunto, porque mesmo durante sua vida acadêmica, a temática da sexualidade não foi discutida, deixando-os sem conhecimentos específicos para que, quando em sala de aula os abordasse com aptidão (MADUREIRA, 2015).

A sexualidade decorre os espaços escolares, implementa regras e determina mudanças sobre os adolescentes, dando sentido e valor ao seu corpo, desejos, sonhos e seus sentimentos (NOVAK, 2013). Ao longo da construção de suas identidades sexuais, os docentes foram vivenciando mitos, tabus e valores constituídos e reforçados pela sociedade. Logo, incluir a prática educacional e a orientação sexual na sala de aula é um desafio, pelo fato de muitos não estarem preparados para lidar com o tema (SILVA, 2009; SOUSA, 2015).

Nesse contexto, a discussão da formação de como estão sendo preparados os docentes para encarar a orientação sexual na escola ainda é bastante questionada, uma vez que a maioria não se sente preparado para a abordagem da

temática. O professor atua como sujeito que possui a sexualidade vivenciada no seu dia a dia e precisa ficar alerta para que não haja a transmissão de valores, crenças e opiniões como verdade absolutas no ambiente escolar (SILVEIRA, 2010). Neste aspecto, Nascimento diz que:

Ao trabalhar a sexualidade na escola devemos abordar as dimensões física, emocional e espiritual do ser humano, para o exercício de uma sexualidade saudável. Bem como aspectos culturais, sociais e políticos capazes de formar alunos críticos e conscientes da realidade de dominação em que vivemos, na qual somos todos vítimas de uma ideologia recolonizadora a favor do interesse de uma elite (NASCIMENTO, 2008, p.12).

O papel do professor, dentre outros, vem para quebrar esses tabus, se fazendo necessária a capacitação dos docentes no tema abordado nesse trabalho. É esperado que se contextualize a quebra de barreiras que o professor tem, objetivando a transmissão de informações corretas e concretas. Para a orientação sexual em qualquer instituição, é preciso um profissional capacitado, preparado teórico e tecnicamente, implicando assim em investimentos em todos os docentes independente da área de atuação (HAMAMN,2017).

Além de profissionais capacitados como orientadores sexuais, é também preciso que o professor, seja ele de qualquer disciplina, também possua desenvolvimento na área da sexualidade, porque mesmo que ele não tenha intenção de trabalhar o conteúdo em sua disciplina específica, está previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais a inclusão da orientação sexual como um dos temas transversais que transpassa as disciplinas curriculares lecionadas (FIGUEIRÓ, 2004; MAIA, 2004; REIS; RIBEIRO, 2005; MOIZÉS; BUENO, 2010).

Ribeiro (2004) afirma que a escola pode se tornar um campo propício à orientação sexual, lugar onde, além de receber informações mais completas, os alunos fossem estimulados a pensar, questionar, raciocinar e estabelecer juízo de valor.

A educação sexual de categoria é aquela que pode exercer importantes reflexões, sendo a escola portadora da informação e tendo seus docentes capacitados, há uma maior capacidade de possuir uma visão aberta sobre as experiências vividas pelos seus alunos. Assim, é importante que se inclua a sexualidade na educação, pois está sujeitado a vida, a saúde, ao prazer e ao bem-estar dos jovens (MULLER, 2013).

Não se pode esquecer que o professor não é o que sabe tudo, um reservatório cheio de conhecimentos a serem retirados dali e serem distribuídos aos alunos. O professor é um ser pensante e de ação, e através de considerações é capaz de organizar os conteúdos a serem ofertados aos seus alunos no processo educativo (BULGRAEN, 2010). Abordar a sexualidade nas suas múltiplas dimensões é um desafio para o professor que precisa implementar práticas pedagógicas igualadas as práticas conceituais. Este trabalho exige a integração de disciplinas, conhecimento qualificações humanas, como habilidades, competências, atitudes e valores (LIMA; VASCONCELOS, 2006; SOARES; MONTEIRO, 2019).

2.3 EXTENSÃO DO TERMO SEXUALIDADE

Ao falar da sexualidade, não se está falando apenas do ato sexual propriamente dito. O termo sexualidade está diretamente relacionado a muitos outros assuntos, merecendo destaque ao longo dos anos, aspectos ligados à saúde, onde a sexualidade está associada ao âmbito de doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, alterações psicológicas, dentre outros. De acordo com Braga (2002), a educação sexual é:

[...] vista como uma boa parte do processo educativo no qual as pessoas passam, estando voltada para a formação de atitudes referentes na qual maneira de viver a sexualidade. A vida passa por diversas etapas e cada uma dela tem determinados objetivos. Desta mesma maneira a educação sexual é pautada em diversos objetivos, pois quem educa faz com uma determinada função de aprendizado (BRAGA, 2002, p.16).

2.3.1 Ideologia de gênero nas escolas

A organização das Nações Unidas (ONU) tem acatado declarações e decretos afirmando que a orientação sexual e a identidade de gênero é preciso ser conhecido como direitos humanos, todos tem os mesmos direitos independente. A ONU em 2013 divulgou orientação para os estados consideráveis obrigatoriamente tem com lésbicas, gays, bissexuais, travesti e transexuais (LGBT), contendo a vedação contra a violência homofóbica e transfóbica, e impossibilitando da discriminação com os fundamentos da orientação sexual e identidade de gênero (ONU,2019).

Uma vez a educação como um dos constituintes dos Direitos Humanos, a questão da orientação sexual e da identidade de gênero merecem discussão nos mais diversos ambientes, inclusive o escolar, estando este localizado nas legislações federais recentes (MACHADO, 2017). O Estatuto da Juventude possui

um departamento específico sobre o Direito à Diversidade e a Igualdade, que estabelece que o jovem não será diferenciado por motivo de sexo e orientação sexual (BRASIL, 2013).

[...] a afirmação do direito do jovem a diversidade e a analogia e ação do poder público precisará incluir temas sobre questões étnicas, raciais, de deficiência, de orientação sexual, de gênero e de violência doméstica e sexual praticada contra a mulher na formação dos profissionais de educação, de saúde e de segurança pública e dos operadores do direito. (BRASIL, 2013, p 12).

Em 2012, foram homologadas as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, trazendo diversas referências a gênero e à orientação sexual, afirmando que todas as pessoas devem ter a possibilidade de vivenciar uma educação democrática, sem discriminação, independente do seu sexo, orientação sexual e identidade de gênero, entre outras características. (BRASIL, 2012).

Considerando a ideologia de gênero um dos diversos aspectos inclusos na amplitude do termo sexualidade, é cada vez mais comum lidar com adolescentes ainda perdidos na descoberta da vida sexual. Muitas vezes, os indivíduos travam consigo uma luta interna impactando diretamente no seu convívio social, desenvolvendo transtornos psicológicos (SANTOS; CARVALHO, 2006). A discussão da ideologia de gênero na escola tem evoluído na necessidade de uma discussão constante, pois a cada dia observa-se uma forte opressão ainda da sociedade (VIEIRA; MATSUKURA, 2017).

O professor como o emissor do conhecimento pode esclarecer as dúvidas dos alunos, tem nesse aspecto a função de trazer uma reflexão sobre o preconceito enquanto expressão do conservadorismo e relacioná-lo com a discussão de gênero, pois todos os dias, milhares de mulheres e a população LGBT tem os seus direitos negados, e sofrendo das mais variadas formas de opressão e exploração sobre seus corpos e vidas (AMORIM, 2012).

2.3.2 Gravidez na adolescência

A adolescência é a idade de modificação, em latim o significado da palavra *Adolescere* é “crescer”, condizendo ao período de crescimento apressado entre a infância e a maturidade (SPINDOLA; SILVA, 2009). A adolescência é um intervalo do crescimento humano estabelecido entre o início da puberdade e a responsabilidade

adulta. Define-se por transição de uma fase infantil para a fase adulta, incluindo e intensificando-se aspectos sexuais (VIEIRA, 2019).

Abordar o tema gravidez na adolescência no ambiente escolar é ter o/a professor/a como personagem essencial para esse desenvolvimento, pois acarreta uma transmissão de conhecimentos e aprendizado diretamente com os discentes, fornecendo-os informações seguras do tema suposto (RAMIRO et al, 2008). Para Moreira *et al.*:

[...] o cuidado da gravidez indesejada na adolescência pede ajuda e uma educação formal e delineada, que aprova o acolhimento de informações verídicas sobre educação sexual e métodos contraceptivos, do mais solicitar um canal comunicacional aberto, onde os jovens possa expor, suas dúvidas e apoio na formação de sua personalidade (MOREIRA *et al.*, 2008, p.319).

Muitas dúvidas existem no meio social dos jovens, onde desconhecem métodos contraceptivos ou conhecem de forma errônea, que acaba permanecendo com mitos, como, acreditar que o DIU (dispositivo intrauterino), pode atrapalhar o ato sexual e que o coito interrompido é um método seguro para prevenir uma gravidez indesejada (MENDONÇA; ARAUJO, 2010). Com a chegada de um novo ser em um corpo que não estar preparado físico e emocionalmente, as mudanças serão inevitáveis. O corpo feminino, nessa fase de vida está ainda em desenvolvimento, especialmente os órgãos reprodutores, que precisa ser maturado, para poder reproduzir, sem riscos gestacionais a mulher e ao bebê (RODRIGUES *et al.*, 2019).

Além de todos esses acontecimentos, existem diversas consequências no dia a dia, influenciando diretamente na programação escolar, uma vez que a alteração de prioridades proporciona uma falta de tempo para estudar, acarretando muitas vezes na evasão escolar dessas adolescentes. Para Taborda *et al.*:

[...] de maneira geral, a gestação na adolescência é classificada como de risco, pois representa uma situação de risco biológico (tanto para as mães como para os recém-nascidos), e existem evidências de que este fenômeno ainda repercute negativamente nos índices de evasão escolar tanto anterior como posterior, impactando no nível de escolaridade da mãe, diminuindo suas oportunidades futuras (TABORDA *et al.*, 2014, p.17).

Segundo Heilborn (2008), a gravidez na adolescência se apresenta como problema no momento em que não é prevista, acabando por ecoar nos sonhos de vida dos jovens pai e mãe, deixando mais difícil o ingressar no mundo do trabalho e dos estudos.

2.3.3 Infecções Sexualmente Transmissíveis

O começo da vida sexual é algo marcante na história de um jovem, onde este mergulha num mundo de novas descobertas, novos conhecimentos, possibilitando, assim, que estes sejam inseridos em grupos de vulnerabilidades a doenças sexualmente transmissíveis (SILVA *et al.*, 2015).

Com a vida sexual antecipada, bem como a curiosidade, e a carência de estar em determinados grupos, alguns adolescentes se submetem a atitudes de experimentação arriscada, pouco se importando com as medidas de prevenção, estando susceptíveis a adquirirem IST (BOTTEGA *et al.*, 2016).

De acordo com Villela (2006) a escola está relacionada a vida sexual dos jovens, uma vez que quanto menor o grau de escolaridade, mais breve as vulnerabilidades visíveis. A discussão de doenças sexualmente transmissíveis vem aumentando muito no âmbito escolar. Por mais que durante a fase escolar muitos jovens ignorem tópicos de tamanha importância abordados, informações adequadas podem fornecer uma base para o conhecimento, que será construído ao longo do tempo, sensibilizando-os (VILLELA, 2006). Dessa forma, a interação é sempre dependente da relação do sujeito com o objeto, sendo este último a informação adquirida na sala de aula, e o aprendizado que cada um vai ter individualmente uma vez expostos os riscos oferecidos pela falta de prevenção (WERNECK, 2006; SILVA, 2015).

As IST têm sua transmissão por contato sexual, via sanguínea, compartilhamento de seringas entre outros, com os principais agentes etiológicos vírus, bactérias, fungos e protozoários (PASSOS *et al.*, 2017). Segundo a OMS, diariamente milhões de pessoas contraem uma DST, isso se dar mais em países de baixa renda. No Brasil os mais afetados são os jovens e adolescentes, em destaques para sífilis, papiloma vírus humano (HPV) e do HIV, onde essas doenças poderiam ser evitadas com uso do preservativo (OLIVEIRA, 2018).

A prevenção é o método básico para gerenciar a transmissão das IST. O benefício de preservativos e as medidas de atuação educativas por meio de informações contribui para a redução das taxas crescentes destas doenças (BOTTEGA, 2016).

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- Identificar as principais dificuldades para os docentes na abordagem do tema sexualidade em sala de aula.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Averiguar se o tema sexualidade é discutido nas salas de aula dos professores;
- Observar quais as principais dificuldades relatadas pelos docentes na abordagem do tema sexualidade;
- Verificar se há o apoio da escola para abordagem do tema educação sexual na sala de aula;
- Avaliar se o professor é capacitado para tal abordagem.

4 METODOLOGIA

4.1 DESENHO DE ESTUDO

O trabalho foi desenvolvido em duas escolas públicas de Vitória de Santo Antão – Pernambuco, sendo uma municipal, com professores do fundamental e a outra estadual, com professores que lecionam para alunos do Ensino Médio. Foram aplicados dois questionários aos professores das escolas, afim de identificar dificuldades e formas de abordagem do tema Sexualidade. Inicialmente houve uma apresentação prévia do projeto à gestão escolar, que autorizou a aplicação dos questionários, conforme mostrado nos anexos A e B.

4.2 LOCAL DE ESTUDO

O estudo foi realizado em duas escolas públicas do Município de Vitória de Santo Antão, Pernambuco. Uma escola estadual de ensino médio estadual e outra escola municipal, de ensino fundamental.

A escola A é fomentada pelo estado, possui 22 docentes, 1 tradutor de libras, com um total de 38 funcionários. Sua estrutura é formada por 12 salas de aulas, biblioteca, quadra, cozinha, auditório e sala de informática.

A segunda, a escola B é de caráter municipal, trabalha com o ensino fundamental I e II, possui 27 docentes, 2 tradutores intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), apresenta um total de 66 funcionários, 771 alunos matriculados regularmente. Possui 11 salas de aula, sala de informática, biblioteca, cozinha, laboratório de ciências e sala de recursos multifuncionais.

4.3 COLETA DE DADOS

Para obtenção dos resultados, foram aplicados questionários (ANEXOS C e D) direcionados aos professores de diferentes disciplinas para avaliar com que frequência o tema é trabalhado em sala por eles e quais os motivos da abordagem do tema sexualidade ser ou não trabalhado em sala de aula.

O primeiro questionário teve o objetivo de identificar as dificuldades encontradas pelos professores para que se pudesse discutir o tema com seus

alunos. O segundo, foi aplicado seguido do primeiro, para identificar o nível de entendimento dos professores acerca da temática, com questões de conhecimento teórico sobre o tema como métodos de contracepção, infecções sexualmente transmissíveis, ideologia de gênero e gravidez na adolescência.

Os questionários foram aplicados, devido a facilidade de obtenção das respostas. O uso de questionários fechados é comum em trabalhos de pesquisa como o proposto, considerando uma pesquisa quantitativa e qualitativa.

4.4 ANÁLISE DE DADOS

Após a aplicação dos questionários, houve a avaliação das respostas dadas pelos professores, sendo os dados plotados em planilhas do Excel (Microsoft Office® 2016), onde se propiciou a análise dos dados através de gráficos, extraíndo-se as respectivas porcentagens.

5 RESULTADOS

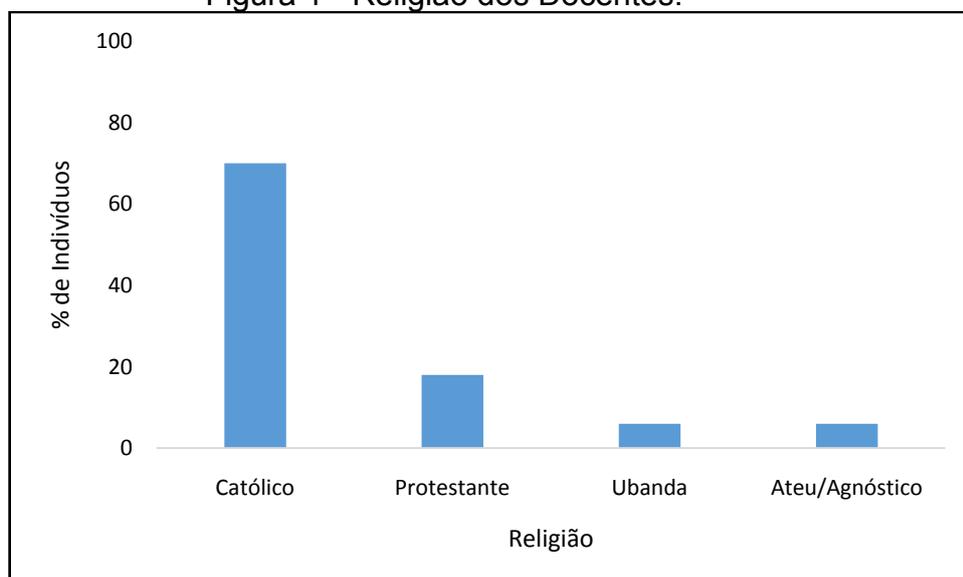
Foram aplicados 17 questionários no total, sendo 06 com docentes da escola Estadual e 11 da escola Municipal do município de Vitória de Santo Antão. Os questionários foram respondidos corretamente após explanação de como deveriam ser realizados, sendo aceitos por todos os presentes no momento da proposta.

5.1 QUESTIONÁRIO 1

O primeiro questionário teve como objetivo levantar dados pessoais e saber a dificuldade na abordagem do tema sexualidade num contexto geral.

A média de idade dos docentes foi de 36 anos. Quando separados por escola, os docentes da escola estadual apresentaram uma média de 41 anos, enquanto os da municipal de 33 anos. Quanto a religião dos professores, a maioria afirmou ser católico (70%), como demonstrado na figura 1 abaixo.

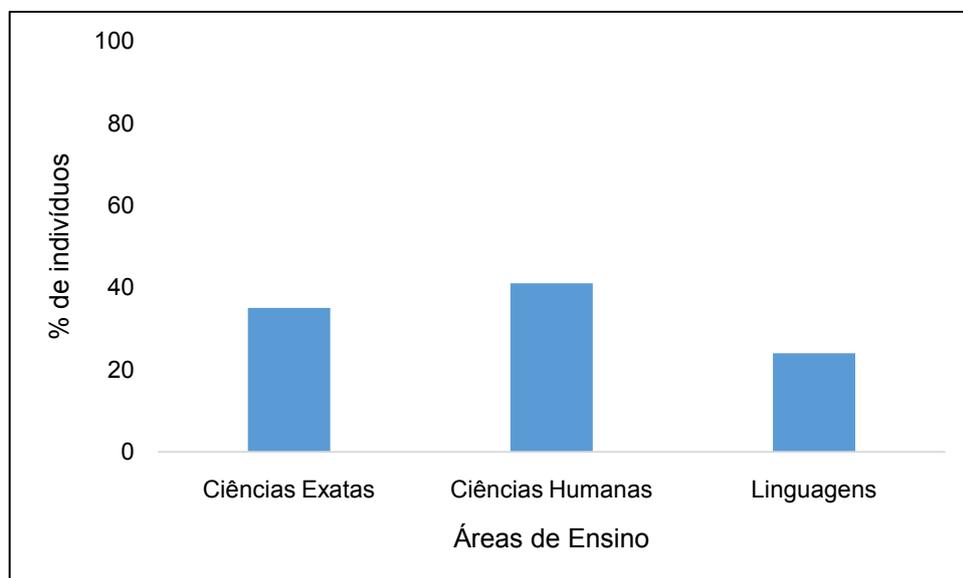
Figura 1 - Religião dos Docentes.



Fonte: SILVA, R. L., 2019.

Considerando o tempo de sala de aula, este varia de acordo com a faixa etária dos docentes, com uma média geral de aproximadamente 13 anos de atuação. Quanto as matérias lecionadas, estas foram bem diversas, como mostrado na figura 2, divididas por áreas de atuação.

Figura 1 - Disciplinas Ministradas pelos Docentes.

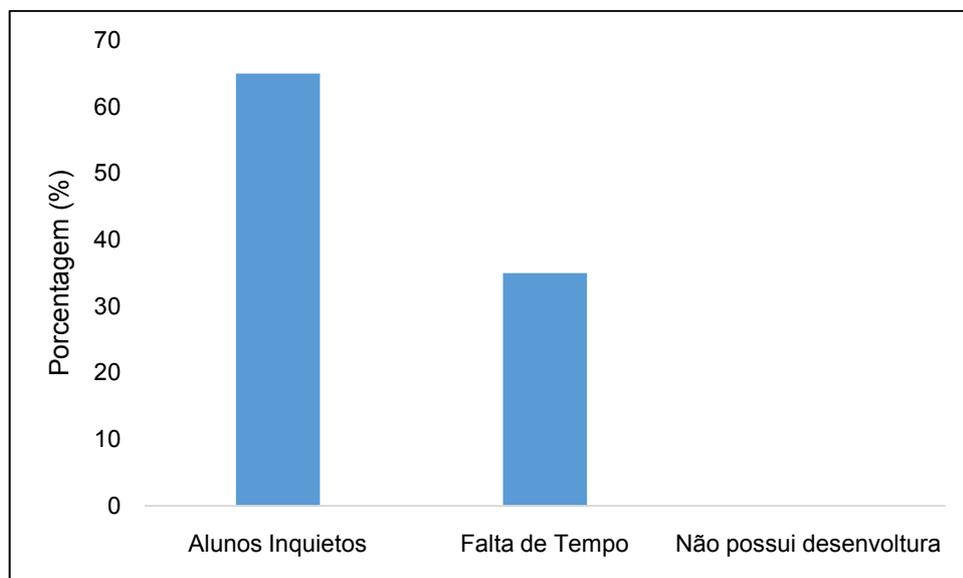


Fonte: SILVA, R. L., 2019.

Quando questionados sobre a discussão do assunto Sexualidade em sala de aula, 82% dos docentes de ambas as escolas afirmaram discutir o assunto em aula. Porém, quando questionados sobre qual dificuldade principal os docentes teriam para tratar do assunto, observou-se que 88% deles não se sentem à vontade de falar sobre o tema em sala de aula, e algumas vezes não possuem apoio das escolas (12%).

Uma das questões abordava o quanto os professores já receberam capacitação para estarem aptos à discussão em sala de aula deste tema transversal. Destes, 53% dos indivíduos afirmaram ter recebido algum tipo de capacitação, enquanto que 47% não o apresentaram, sendo este dado um ponto preocupante em comparação com a questão 1, em que a maioria dos indivíduos afirmou discutir o assunto em sala. Até onde estes indivíduos estariam aptos para tal? Ainda nesse aspecto, indagando-se qual a maior dificuldade encontrada para a discussão da sexualidade em sala de aula, os professores, em sua maioria, trazem a inquietude dos alunos quando se menciona o assunto dentro de sala. Além disso, alguns afirmaram não ter tempo para encaixar o conteúdo dentro de sala, como mostra a na figura 3 abaixo.

Figura 2 - Causas de dificuldade para a abordagem do tema.



Fonte: SILVA, R. L., 2019.

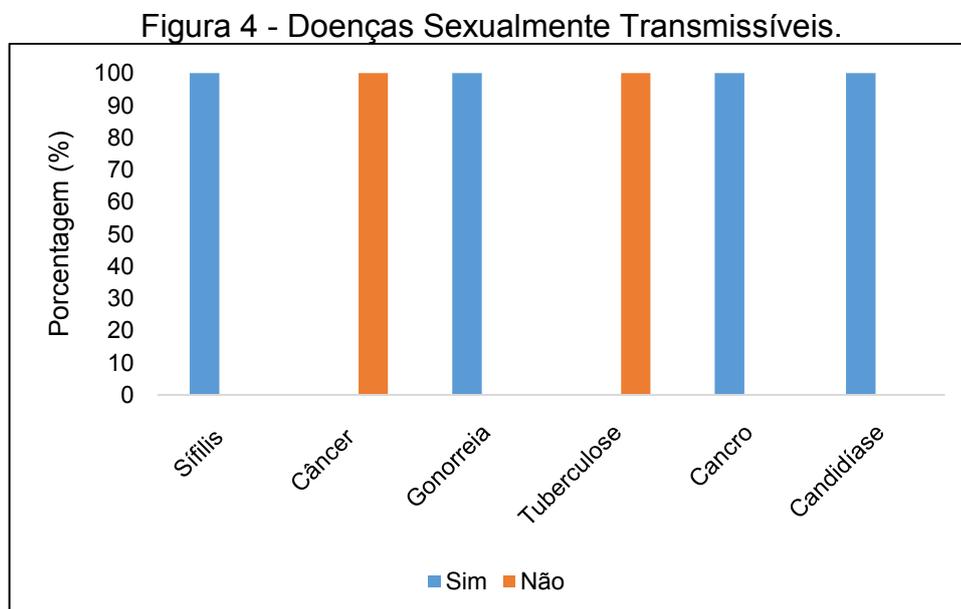
Por sua vez, ficou nítido o interesse dos docentes por uma capacitação para melhor debater o conteúdo envolvido na pauta Sexualidade em sala, onde todos os 17 participantes responderam “SIM” para esta questão. Da mesma forma, todos os professores questionados afirmaram que a escola apoia o interesse do professor na discussão do tema abordado, mas, em contrapartida, alguns indivíduos antes haviam afirmado que a escola não apoiava a discussão do tema, sendo um ponto controverso.

De modo geral, todos os docentes reconheceram a importância da discussão do tema em sala de aula, concordando com a viabilidade do mesmo agregado à grade curricular nas escolas. Quando questionados sobre qual a importância que eles viam quanto a discussão do mesmo e a inclusão no calendário acadêmico, a grande maioria afirmou que alertar os alunos sobre os riscos da sexualidade na sociedade (76%), seguido da capacidade que a discussão na escola é capaz de auxiliar na formação educacional e pessoal, através de explicações e conceitos da sexualidade (18%), tendo os 6% restantes considerado outras opções.

5.2 QUESTIONÁRIO 2

O segundo questionário foi destinado a perguntas específicas voltadas para assuntos discutidos dentro do tema Sexualidade. A primeira questão foi voltada para

doenças que são consideradas infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Como mostrado na figura 4, todos os docentes conseguiram identificar as doenças transmitidas por via sexual, dentre as propostas.

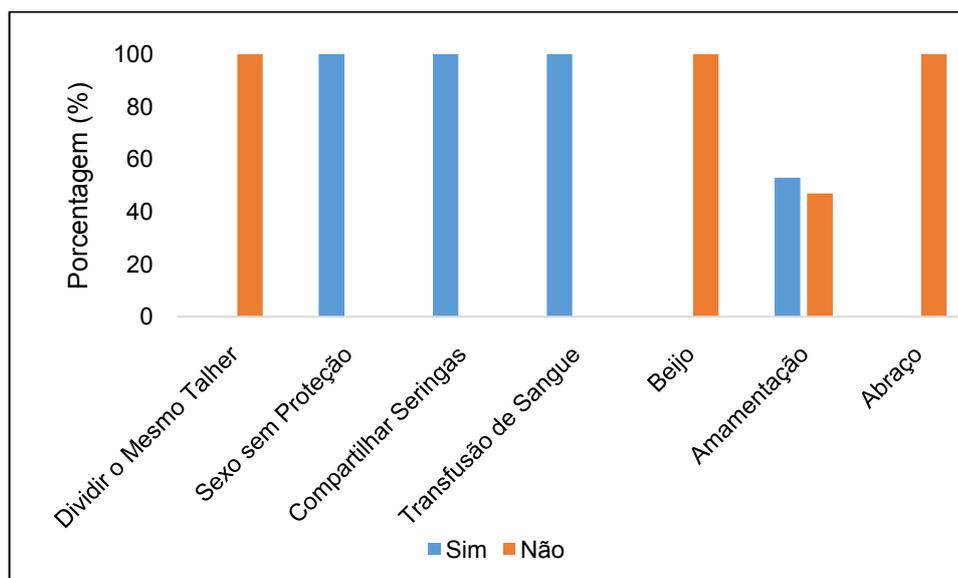


Fonte: SILVA, R. L., 2019.

Posteriormente os indivíduos foram questionados quanto ao objetivo do uso do preservativo, se este tinha apenas a função de método contraceptivo. Apesar de se esperar uma consciência por uma questão já bastante fundamentada, 12% dos indivíduos demonstraram achar que essa é a única função do preservativo. Ainda nesse contexto, quando questionados se há diferença entre HIV e AIDS, 6% dos indivíduos demonstraram não existir esta diferença.

Os docentes responderam questionamentos quanto a contaminação pelo HIV/AIDS referentes a vias comuns de infecção. De modo geral, os indivíduos demonstraram um bom conhecimento (Figura 5). Porém um importante fator de confusão foi observado, quanto a opção de a amamentação ser uma via de transmissão do vírus, onde 53% dos indivíduos demonstraram saber desta como uma via de contaminação, enquanto 47% não conheciam esta forma de transmissão.

Figura 5 - Possíveis Formas de Contaminação.



Fonte: SILVA, R. L., 2019.

Todos os professores quando questionados sobre a principal forma de prevenção apontaram o preservativo como principal maneira de evitar à infecção pelo HIV. Além disso, os docentes também demonstraram afirmaram que todos os indivíduos podem se relacionar, mesmo aqueles infectados.

Ainda nesse contexto os professores foram questionados quanto a termos envolvendo a terapia antirretroviral para aqueles indivíduos que possuem risco de infecção ao HIV. 76% dos professores demonstraram não possuir conhecimento sobre as siglas para a profilaxia pré-exposição (PrEp) e pós exposição (PEP). Dos 24% que afirmaram conhecer, a maioria foi de docentes que lecionam aulas de Ciência e Biologia.

De modo geral, foi observado que não houve uma diferença significativa das respostas dadas pelos professores das escolas municipal e estadual, sendo as dificuldades encontradas triviais a ambas.

6 DISCUSSÃO

Foi observado a partir dos questionários aplicados, que as dificuldades encontradas na abordagem da Sexualidade, tanto pelos docentes da escola municipal quanto da estadual são bastante semelhantes. Sabe-se que, em geral, professores da escola estadual possuem um alunado numa faixa etária maior que o da escola municipal, uma vez que estes são docentes do ensino médio, o que se esperava haver diferenças entre os problemas encontrados por estes para a abordagem do tema. Porém, foi visto que as dificuldades são parecidas, demonstrando que o processo da construção da ideia dos conteúdos que tangem à sexualidade é seguido por quase todo o currículo escolar dos alunos. (BARROS, 2009).

O trabalho de Silvia e Carvalho (2005) traz que existe uma necessidade de preparar aulas de forma específica para cada turma, levando em considerações as particularidades de seus alunos. Cada classe cada escola apresenta interesses diferentes que variam com a vivência de cada um, com a idade e com a educação vinda de família (RIZZINI; COUTO, 2019). Por isso, os docentes precisam possuir métodos diferentes de passar um conteúdo que tem um tabu a ser quebrado.

De acordo com dados obtidos, os docentes assumiram que as principais dificuldades encontradas estariam relacionadas com a inquietude dos alunos, bem como a quantidade de informações disponíveis por outros métodos as quais eles possuem livre acesso. Dessa forma, docentes com formações menos atualizadas podem ser questionados quanto a alguns aspectos que ele não se sente apto a responder ou que reflita algum constrangimento. Apesar disso, a formação licenciada deve ser contínua, não só no aspecto da disciplina lecionada, como em outros pilares na formação do licenciado, como a psicologia e a pedagogia (SOUSA, 2015).

Ainda nesse contexto, muitas vezes as dificuldades apontadas pelos docentes estão associadas a características interpessoais dos mesmos. É bastante claro que não se pode relacionar a própria vida, crença ou religião para debater assuntos multiculturais em sala de aula, para que não ocorra transmissão de valores, crenças e opiniões como verdades absolutas no ambiente escolar (SILVEIRA, 2010).

Sabe-se que a escola serve como auxílio de informações na educação dos alunos juntamente com os professores. Porém, se falando de sexualidade, muitas vezes a ausência dos pais no papel educadores primários, transfere uma responsabilidade sobre a instituição escolar, que muitas vezes se apresenta defasada (ALTMANN, 2007).

A escola ter participação em aspectos relacionados ao tema sexualidade ajuda na sensibilização dos alunos em assuntos que polemizam informações ligadas a questões psicológicas e emotivas (CASTRO, 2009). Assim, os citados PCNs tem por objetivo evidenciar algumas situações sobre a importância da sexualidade abordada no âmbito escolar, onde promoverão o conhecimento aos jovens e adultos a respeito de algumas prevenções como, gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, ideologia de gênero, entre outros (CAMARGO; FERRARI, 2009). De acordo com Amorim (2013). As dicas são classificadas importantes para a prevenção sexual de certa forma há uma associação ao que diz respeito ao aumento da autoestima

Apesar de serem considerados assuntos bastante corriqueiros, ao abordar pontos relacionados à sexualidade na sala de aula, os docentes comumente se deparam com a falta de conhecimento de vários alunos (GROTH, 2011). Quando questionados se existe discussão acerca do tema em sala, quase todos os docentes na pesquisa afirmaram já ter discutido temas atrelados à sexualidade. Porém quando questionados sobre aspectos básicos referentes a mesma, os professores que lecionam disciplinas como Biologia e Ciências tiveram um melhor desempenho.

A expansão de temas transversais é de caráter fundamental para que os alunos aprendam, e da maneira correta. Abordar a sexualidade em suas múltiplas dimensões é um desafio para o professor que precisa ter um desenvolvimento de práticas pedagógicas e conceituais, pois este trabalho exige a integração de disciplinas, competência, atitudes e valores (LIMA; VASCONCELOS, 2006).

Quando questionados quais fatores fazem com que os indivíduos não discutam o tema em sala, estes afirmaram que a falta de tempo é um prejudicial para essa colocação e a insegurança em tratar sobre estes aspectos. Neste sentido, a falta de capacitação dos docentes para temas transversais é clara, onde Ferreira e Luz, (2009) assinalam ainda que para tanto é preciso investimentos na formação de professores, e assim, corroborando com nossos dados, uma vez que

quando realizados questionamentos triviais, muitos deles responderam além do esperado.

Por exemplo, quando indagados quanto aos principais aspectos relacionados ao uso de preservativo, alguns deles citaram que este atua apenas na proteção à gravidez. Em se tratando da abordagem do tema sexualidade, é nítida a necessidade dos docentes serem bem capacitados, visto que a influência que estes muitas vezes possuem como estimuladores primários da sensibilização dos adolescentes – assumindo o papel da família – atua diretamente na construção de ideias e opiniões dos alunos, seguindo por toda a vida (CASTRO, 2009).

Para Soares e Monteiro (2019) professores não estão tendo a preparação necessária para atuarem na área da sexualidade humana e nem sempre têm consciência de que, mesmo sem a realização de nenhuma atividade específica, estão atuando como educadores sexuais. No mesmo sentido, Figueiró (2004) ressalta que a sexualidade é uma das questões que mais tem trazido dificuldades, problemas e desafios aos educadores, no seu trabalho cotidiano de ensinar.

O segundo questionário mostra que os docentes mesmo não estando capacitados para abordar o tema em sala de aula, ao serem questionados pelas perguntas específicas do tema, eles conseguiram na sua maioria acertos. A primeira questão foi voltada para doenças que são consideradas infecções sexualmente transmissíveis, conseguindo os professores identificarem as doenças corretas. De acordo com Sousa (2015), o desempenho desses docentes está nas conquistas do cotidiano, embora tenham pequenas relações ao tema proposto, conseguem atuar como profissionais.

Ao abordar o uso do preservativo, 12% dos professores acreditavam que a única função do preservativo é a prevenção de gravidez. Ainda nesse contexto a diferença entre HIV e a AIDS, 6% dos docentes relatam não existir diferenças entre eles. Essas duas últimas percepções, mesmo que mínimas, mostram como uma capacitação ajuda na desenvoltura do docente e nas suas dúvidas. Para Sousa (2015), se faz necessário que o professor tenha oportunidade a formação, para poder tratar do assunto com esses jovens, possibilitando a formação de uma postura consciente do seu trabalho.

Esperava-se que os educadores saberiam as formas de contaminação comuns a uma IST bastante conhecida, como a AIDS, porém 47% desconheciam como

forma de transmissão a amamentação. Como citado antes a capacitação dos docentes é relevante para questões como esta Sousa (2015).

Uma questão que haveria uma diferença um pouco significativa foi em relação ao que se referia ao termo da terapia antirretroviral. 76% dos professores não possuíam conhecimento sobre as siglas para a profilaxia pré-exposição (PrEp) e pós exposição (PEP). Dos 24% a conhecer, a maioria leciona aulas de Ciência e Biologia. Estar atualizado em assuntos transversais, é poder estar junto do aluno e poder criar um espaço de reflexão onde o professor possa ser um mediador de assuntos que deixam os adolescentes com curiosidades. Ao atuar como portador desses conhecimentos, se faz necessário a sua formação contínua independente da sua área de formação Sousa (2015).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi observado que o tema sexualidade não é abordado corriqueiramente por todos os docentes das escolas em que foram aplicados os questionários, porém alguns deles afirmam que em sua aula existe esta abordagem, restringindo-se a área das Ciências e Biologia, o que foi confirmado quando avaliadas questões referentes ao contexto no segundo questionário.

Como principais dificuldades, os docentes afirmaram não possuir autonomia de abordar o tema por fatores de falta de capacitação e agitação dos alunos, além da falta de tempo para discussões. Porém, ficou claro que muitos docentes gostariam de implementar o tema na sua aula.

Alguns docentes afirmaram não receber apoio da escola para a discussão do tema, o que pode ser refletido na falta de capacitação e preparação dos mesmos.

A inclusão de temas transversais na prática ainda se apresenta distante do que se espera na formação de licenciados nas mais diversas disciplinas, o que pode vir a refletir diretamente na construção e formação dos alunos posteriormente.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. Sobre a educação sexual como um problema escolar. **Revista Linhas**, Santa Catarina, v. 7, n. 1, p.1-12, 2007
- AMARO, I. A docência no armário: o silenciamento das relações de gênero nos planos de educação. **Revista espaço pedagógico**. Passo Fundo, V.24, n. 1, p.139-159, jan./abr. 2017.
- AMORIM, B.M.O. **Sexualidade e mídia na formação docente**. 2012. 232p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.
- BARROS, S. C.; QUADRADO, R. P.; RIBEIRO, P. R. C. Sexualidade no currículo escolar: disciplinaridade ou transversalidade?. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 5 ,2009, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: Enpec, 2009.
- BELTRÃO, M.E; Barros, S.M. Gênero e sexualidade na formação docente: um estudo crítico do discurso. **Raído**, Dourados, MS. V.11, n. 25, p.324-340. jan./jun. 2017.
- BOTTEGA, A. Abordagem das doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: revisão de literatura. **Saúde**, Santa Maria, Supl., p. 91-104, Jul. 2016.
- BRAGA, E. R. M. **Sexualidade Infantil: Uma investigação acerca da Concepção das Educadoras de uma Creche Universitária sobre Educação Sexual**. 2002. 196 f., Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Campus Assis, Assis,SP, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Conselho pleno resolução nº 1, de 30 de maio de 2012**. Diretrizes Nacionais para Educação em Direitos Humanos. Brasília: Ministério da Educação, 2012.
- BRASIL. **Estatuto da juventude**: atos internacionais e normas correlatas. Brasília: Senado Federal, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília, DF: MEC, 1997.
- BULGRAEN, V.C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo**, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. 2010.
- CAMARGO, E. A. I.; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.937-946, 2009.
- CASTRO, F. F. **Dúvidas e dificuldades de educadores sociais de um centro social de Maringá**. Monografia (Especialização) - Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2009.
- FEITOSA, L. C. Gênero e sexualidade no mundo romano: a antiguidade em nossos dias. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 48/49, p. 119-135, 2008.

FERNANDES, H.L.; JOJIMA, C.L; SANTIAGO J.C.C. Adolescência, sexualidade e formação docente: reflexão e não-diretividade para construção da autonomia. **Laplage em Revista**. Sorocaba, v.2, n.2, p.72-85, mai-ago.2016.

FERREIRA ,C. *et al.* Estudo PaSeFi: o que ensinam os pais sobre sexualidade aos seus filhos. **Nascer E Crescer - Birth And Growth Medical Journal**, Porto, v. 26, n. 3, p. 164-170, 2017.

FERREIRA, B.L.; LUZ, N.S. Sexualidade e Gênero na escola. *In*: LUZ, Nanci S.; CARVALHO, Marília G.; CASAGRANDE, Lindamir S. (Orgs). **Construindo a Igualdade na Diversidade: Gênero e sexualidade na escola**. Curitiba: UTFPR, 2009. p. 33-45.

FIGUEIRÓ, M. N. D. O professor como educador sexual: interligando formação e atuação profissional. *In*: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

GODOY, D. A. Educação em Sexualidade no Brasil: um tour histórico e seus importantes desdobramentos para a formação do educador e do desenvolvimento da área na educação escolar. **Rev. Bras. Psico. E Educ.** Araraquara. v. 20, n. 2, p. 272-280, jul./dez, 2018.

GROTH, I. C.; THOMÉ. C. L.; ROSA. B. S. “Você sabe o que é Sexualidade?”Relato de experiências de oficinas de Educação Sexual na Escola. **Roteiro**,Joçoaba,V.36, nº1, pág.105-128 jan/jun 2011.

HAMANN, C; PIZZINATO, A.; ROCHA, K.B. Gender and sexuality dynamics in tarified sex among men: analysis of the notion of communities of practice. **Temas psicol.**,Ribeirão Preto, v. 25, n. 3, p. 01-17, Sept. 2017.

HAMES, C.; KEMP, A.T. diversidade de gênero e sexualidade no processo formativo docente. **Revista Insignare Scientia**, Chapecó, SC, v. 2, n. 1, p, 01-17, jan./Abr.2019.

HEILBORN, M.L. Trajetórias sexuais de jovens brasileiros: da iniciação a uma possível gravidez. *In*: BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008. p, 218 (Série B. Textos Básicos de Saúde)

LIMA, K. E. C.; VASCONCELOS, S. D. Análise da metodologia de ensino de ciências nas escolas da rede municipal de Recife. **Ensaio: avaliação de políticas públicas em educação**, Recife, v. 14, n. 52, p. 397-412, jul./set. 2006.

MACHADO, M.D.C. Pentecostais, sexualidade e família no Congresso Nacional. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 351-380, jan./abr. 2017

MADUREIRA, A.F.A; BRANCO, A.U. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto. v. 23, n.3, p. 01-15, set. 2015.

MENDONÇAI, R.C.M. ARAÚJO, T.M.E. Análise da pr Análise da produção científica sobre odução científica sobre o uso dos métodos contraceptivos pelos adolescentes o uso dos métodos contraceptivos pelos adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília. v.63, n.6, p.1040-1045, dez. 2010.

- MOIZÉS, J.S; BUENO, S.M.V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 44, n.1, p.205-212, 2010.
- MOREIRA, T.M.M. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. **Rev Esc Enferm USP**. São Paulo. V.42, n.2, p.312-320. 2008.
- MULLER, L. **Educação sexual em 8 lições**: como orientar da infância a adolescência: um guia para professores e pais. São Paulo: Academia do Livro, 2013.
- NASCIMENTO, E. N. **A Ideologia no ensino da sexualidade nas turmas de EJA da cidade do Recife**. 2008. 206 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)– Faculdade de Pedagogia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2008.
- NOVAK, Elaine. **Dificuldades enfrentadas pelos professores ao trabalhar educação sexual com adolescentes**. 2013. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.
- OLIVEIRA P.S., *et al.* Vulnerabilidade de adolescentes às doenças sexualmente transmissíveis na atenção primária. **Rev enferm UFPE on line**, Recife. V.12, n.3, p.753-62, mar. 2018
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Assembleia Geral das Nações Unidas. **Estados precisam responder à violência contra pessoas LGBTI, diz relator da ONU**. Genebra: ONU, 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/estados-precisam-responder-a-violencia-contr-pessoas-lgbti-diz-relator-da-onu/>. Acesso em 19 jun. 2019.
- PASSOS, T. S., *et al.* Educação em saúde para prevenção de infecções sexualmente transmissíveis em comunidades quilombolas. **Rev enferm UFPE on line.**, Recife, v. 70, n. 3965, p. 3965 - 3970, out., 2017
- RAMIRO, L.; MATOS, M. G. Percepções de professores portugueses sobre educação sexual. **Revista de Saúde Pública**, Cruz Quebrada, v. 42, n. 4, p. 684-692, 2008.
- REIS, G.V.; RIBEIRO, P.R.M.R. Sexualidade e Educação Escolar: algumas reflexões sobre orientação na escola. *In*: MAIA, A.C.B.; MAIA,A.F. (Orgs.). **Sexualidade e infância**. Bauru: CECEMCA/UNESP; Brasília: MEC/SEF, 2005, p. 35-44. (Caderno CECEMCA).
- RIBEIRO, H. C. F. Sexualidade e os portadores de deficiência mental. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 7, n. 2, p.11-28, 2001.
- RIBEIRO, P. R. M. Os Momentos Históricos da Educação Sexual no Brasil. *In*: Dinis, N.; Luz, A. A. (Org.). **Sexualidade e educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p.15-25.
- RIZZINI, I.; COUTO, R.M.B. População infantil e adolescente nas ruas Principais temas de pesquisa no Brasil. **Civitas**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 105-122, jan.-abr. 2019
- RODRIGUES, J.A.T. **Fertilidade e duração da gestação na égua Puro Sangue Lusitano**. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) - Universidade de Lisboa, Faculdade de Medicina Veterinária, Lisboa, 2019.

- SANTOS, A.; CARVALHO, C. V. Gravidez na Adolescência: um estudo exploratório. **Boletim de Psicologia**, Maringá, v.61, n.125, p.135-151, out. 2006.
- SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In AQUINO, Júlio Groppa. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997. p.107-118
- SILVA, A.S.N *et al.* Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba. **Rev Pan-Amaz Saude**, Abaetetuba, v. 6, n.1, p.27-34,2015.
- SILVA, K.C. As implicações da sexualidade infantil e a orientação sexual nas instituições escolares. **Unungá**, Maringá, v.32 , n. 29, p. 27-40, 2009. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/as-implicacoes-da-sexualidade-infantil-e-a-orientacao-sexual-nas-instituicoes-escolares/14248>. Acesso em: 15 de Maio 2019.
- SILVA, M. P.; CARVALHO, W. L. P. O Desenvolvimento do Conhecimento Pedagógico do Conteúdo de Sexualidade na Vivência das Professoras. **Ciência & Educação**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 73-82, 2005.
- SILVEIRA, E. F.; VIEIRA, L. C.; ROCHA, M. P.; KRUGER, V. Concepção de Sexualidade e Educação: a visão dos bolsistas do PIBID/Biologia da Universidade Federal de Pelotas. **Rev. SBEnBio**, Águas de Lindóia, n.3, p.1-8, out. 2010.
- SOARES, Z.P; MONTEIRO, S.S. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em revista**, Curitiba, v. 35, n. 73, p. 287-305, Jan./Feb. 2019.
- SOUSA, M. S. **Uma análise crítica sobre a sexualidade: a educação doméstica X educação escolar na construção da identidade dos adolescentes**. 2015. 32 p. Monografia (Especialização Fundamentos da Educação: Práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, 2015.
- SOUZA, F. S. *et al.* Conversando sobre saúde reprodutiva e sexualidade nas escolas. **Revista Ciência e Extensão**, São Paulo. v.13, n.1, p.137-151, 2017.
- SOUZA, J.G E CHAVES, W.C. Família: pluralidade e singularidade. Reverso, **Periodicos eletrônicos em psicologia**. São Paulo, v. 39, n. 74, p. 47-53. 2017.
- SPINDOLA, T.; SILVA, L.F.F. Perfil Epidemiológico de adolescentes atendidas no pré-natal de um hospital universitário. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p.99-107, jan./mar. 2009.
- TABORDA, J. A. Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas. **Cad. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, v.22, n.1, p.16-24, 2014.
- TEIXEIRA, A.M.F.B. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1385-1396. Jul. 2006.
- VIEIRA, P.M.; MATSUKURA, T.S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Rev. Bras. Educ.**, São Carlos, v. 22, n.69, p.453-474. 2017.

VIEIRA, V.M.O. Contribuições da técnica de "associação livre de palavras" para a compreensão da sexualidade na adolescência. **Revista espaço pedagógico**. Passo Fundo. v.26, n. 1, p.260-281, 2019.

VILLELA, Wilza Vieira; DORETO, Daniella Tech. Sobre a experiência sexual dos jovens. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 11, p. 2467-2472, Nov.2006.

WERNECK, V. R. Sobre o processo de construção do conhecimento: o papel do ensino e da pesquisa. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 51, p. 173-196, abr./jun. 2006.

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA
NÚCLEO DE BIOLOGIA – CAV/UFPE

A Gestão da Escola Municipal Joaquim Severino krause,
Do Prof. Dr. Luiz Augustinho Menezes da Silva

Venho por meio deste solicitar o apresentar e solicitar o apoio da Gestão da **Escola Municipal Joaquim Severino krause**, para a participação de **Rafaela de Lima Silva**, aluno do 9º período do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Pernambuco, na pesquisa e construção do seu trabalho de conclusão do curso.

A referida aluna é minha orientanda e pretende desenvolver o Projeto de pesquisa intitulado "As maiores dificuldades da abordagem do tema sexualidade pelos docentes em sala de aula" nesta instituição, junto aos professores.

O principal objetivo da pesquisa é promover reflexões e atitudes sobre o papel do docente na educação em saúde, saúde sexual e reprodutiva para com os estudantes, como promotores da informação e construtores de uma sociedade consciente.

Assim, a participação da aluna terá grande relevância para o projeto e para a formação profissional da estudante.

Vitória de Santo Antão, 07 de setembro de 2019.

Edjaneta Angela A. de Sousa

Prof. Edjaneta A. de Sousa

Prof. Luiz Augustinho Menezes da Silva
SIAPE:
Núcleo de Biologia - CAV/UFPE

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA
NÚCLEO DE BIOLOGIA – CAV/UFPE

**A Gestão da Escola Estadual Madre Lucila
Magalhães Do Mestre José Leandro de Andrade
Santos**

Venho por meio deste solicitar o apresentar e solicitar o apoio da Gestão da **Escola Estadual Madre Lucila Magalhães**, para a participação de **Rafaela de Lima Silva**, aluno do 9º período do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Pernambuco, na pesquisa e construção do seu trabalho de conclusão do curso.

A referida aluna é minha orientanda e pretende desenvolver o Projeto de pesquisa intitulado "Dificuldades da abordagem do Sexualidade para os Docentes na sala de aula" nesta instituição, junto aos estudantes.

O principal objetivo da pesquisa é promover reflexões e atitudes sobre a educação em saúde e saúde sexual e reprodutiva, como forma de prevenção de DST/AIDS, cuidado com a saúde e atividades lúdicas com a comunidade escolar.

Assim, a participação da aluna terá grande relevância para o projeto e para a formação profissional da estudante.

Vitória de Santo Antão, 09 de Outubro de
2018.

Suely C. de Queiroz
Suely Cavalcanti de Queiroz
Diretora
Matricula 161.853-9
Ato nº 124- D.O.04-11-2013

Mestre José Leandro de Andrade Santos
SIAPE:
Departamento de Genética - CB/UFPE

ANEXO C – QUESTIONÁRIO 1

Este questionário tem a proposta de avaliar a dificuldade dos docentes de se falar sobre a sexualidade em sala de aula. O conteúdo aqui respondido será posto em sigilo, sendo de total responsabilidade dos envolvidos na pesquisa a garantia do mesmo. Fica ciente

Idade:

Religião:

Quanto tempo de sala de aula?

Quais anos/séries leciona?

Qual a matéria que leciona?

1- Na sua aula, a sexualidade é discutida?

() Sim () Não

2- Qual a dificuldade de um docente em sala de aula falar sobre a sexualidade?

Responda abaixo:

() Não se adequa a sua matéria;

() A religião não permite falar deste tipo de assunto.

() Não se sente à vontade para discutir o assunto com os adolescentes.

() A escola não apoia a abordagem do assunto no âmbito escolar.

3- Já recebeu alguma capacitação sobre a abordagem da sexualidade na escola?

() Sim () Não

4- Qual a maior dificuldade encontrada para a discussão da sexualidade em sala de aula?

() Os alunos ficam muito inquietos

() Falta de tempo para encaixar o tema no calendário.

() Não tem boa desenvoltura para tratar o assunto

5- Gostaria de receber capacitação para explorar o tema em sala de aula?

() Sim () Não

6- A escola apoia o interesse do professor em abordar o tema sexualidade na sala de aula?

() Sim () Não

7- Qual a importância de implementar o tema sexualidade no calendário acadêmico?

- Alerta os s alunos sobre riscos e abusos da sexualidade na sociedade;
- Educar para uma sociedade preconceituosa e abusiva;
- Ajudar na formação educacional e pessoal, através de explicações e conceitos da sexualidade;
- Tentar alertar sobre os preconceito de gênero;

8- Você acha que o tema sexualidade é viável para abordado com devido valor pelas escolas?

- Sim Não

ANEXO D – QUESTIONÁRIO 2

1º) Quais dessas doenças são consideradas DST's?

- () Sífilis () Tuberculose
() Câncer () Cancro
() Gonorréia () Candidíase

2º) Você acha que a única função do preservativo é ser utilizado apenas como método contraceptivo?

- () SIM () NÃO

3º) Existe diferença entre HIV e AIDS?

- () SIM () NÃO

4º) Quais as principais formas de contaminação do HIV/AIDS?

- () Dividir mesmo talher () Beijo
() Relação sexual sem proteção () Amamentação
() Compartilhar seringas () Abraço
() Transfusão de sangue

5º) Qual a principal forma de prevenção contra o HIV?

- () Uso de anticoncepcionais () Preservativo
() Manter distância de pessoas que tenha a doença

6º) Uma pessoa com HIV/AIDS pode se relacionar?

- () SIM () NÃO

7º) Você sabe o que significa PrEP e PEP?

- () SIM () NÃO